

Azevedo critica o fim do mundo

O pessimismo com que a maioria dos brasileiros parece ter, de um momento para outro, começado a encarar a economia nacional foi asperamente criticado pelo presidente da Bolsa Mercantil & de Futuros, Eduardo da Rocha Azavedo, ao saudar os participantes do Seminário. Segundo ele, a gravidade do momento está sendo acentuada pelo fato de que, pelo menos aparentemente, "estamos trabalhando como se o mundo estivesse acabando".

Referindo-se especificamente à prática de taxas de juros de até 180% ao ano em financiamentos de 60 dias, como se verificou ultimamente, Rocha Azevedo disse nunca ter visto "nada igual". E indagou se o que vem acontecendo com as taxas de juros, da mesma forma que as cotações das ações, não seria uma extração de uma incerteza e de

um pessimismo que a racionalidade coloca em plano bem mais baixo.

— Precisamos nos convencer de que o país ainda não acabou — disse o presidente da BM & F, que se referiu com especial satisfação aos resultados desse empreendimento, no qual foram investidos 20 milhões de dólares, tanto quanto na Bolsa de Futuros de Genebra. Lembrou, porém, que ele é fruto da persistência, pois, por falta de uma experiência brasileira no campo, levou-se quatro anos para explicá-lo às autoridades.

O improviso de Rocha Azevedo substituiu um texto escrito que ele chegou a levar para o Seminário e que tratava especificamente do desenvolvimento e das perspectivas do mercado de futuros. É a seguinte a íntegra do texto que ele não chegou a ler:

E um prazer para mim abrir este Seminário Internacional sobre os Mercados de "Commodities". Nossa presença aqui, dez meses depois de inaugurada a BM&F, demonstra que os empresários podem reunir investimentos e gerência com grande velocidade para melhorar os padrões de importantes segmentos da indústria de serviços.

A BM&F, um projeto de vinte milhões de dólares, inteiramente financiado pela iniciativa privada, negocia hoje mais de vinte mil contratos por dia, com um volume superior a três bilhões de cruzados, envolvendo índices, taxas de juros, ouro, câmbio e café.

Esperamos que este Seminário contribua para esclarecer até que ponto os contratos e mercados futuros podem aperfeiçoar a economia, tanto à luz da experiência internacional como nacional. Em nosso caso específico, podemos afirmar que o crescimento da BM&F não ocorreu em um ambiente fácil. As mudanças ocorridas desde o Plano Cruzado, com frequência contribuíram para que se confundisse e mal interpretasse nosso verdadeiro papel.

Os mercados futuros, na verdade, chegaram a ser acusados de funcionarem como cassinos, quando, na realidade, não são eles que criam riscos. Os riscos de geada que existem para o café, ou de flutuação do preço do ouro devido à crise entre os Estados Unidos e o Irã, ou de alta nos preços da carne porque aumenta o consumo e os postos estão ralos na entressafra, são riscos que não estão sob nosso controle.

O crescimento dos principais

mercados da BM&F — Índices de Ações da BOVESPA, CDBs e Ouro — coincide com a necessidade dos operadores de se cobrirem contra os riscos e a volatilidade que se acentuaram nos últimos meses. Esses riscos e essa volatilidade têm provocado intervenções do governo, que não contribuem para melhorar o cenário. A intervenção do governo no mercado futuro de boi gordo não solucionou o problema dos preços da carne, pois a arroba do produto está hoje, no interior, muito acima do tabelamento.

Só a organização eficiente dos mercados, com o alargamento do número de participantes e a ampla divulgação das cotações, pode contribuir para que a especulação fique em limites aceitáveis e para que o produtor, além de se cobrir contra riscos, possa partir com tranquilidade para o investimento produtivo.

A BM&F, antes de ser um empreendimento, é também uma tese e uma demonstração de que se podem organizar mercados de grande porte, abertos para todos os investidores, sem depender do governo. Os riscos são vendidos e comprados todos os dias em nossos mercados, e acreditamos que, quanto maiores eles forem, mais aceitável será sua volatilidade.

Não iríamos gastar vinte milhões de dólares para abrir uma casa de jogos. Esse investimento pode ser útil para a sociedade, na medida em que especializa operadores, diversifica as atividades das corretoras de valores e cria as condições para o desenvolvimento de novos negócios. Um bom exemplo disso são os acordos

que fizemos com a Bolsa de Mercadorias do Paraná para a abertura de um mercado de frango, e os estudos que vimos realizando para outras "commodities".

A especialização e a diversificação das atividades das corretoras poderão contribuir para levar o mercado de ações e de "commodities" brasileiro ao interior. O preágio "on-line" conjunto, que estamos abrindo com a Bolsa de Mercadorias do Paraná, demonstra que o País pode partir para a integração nacional, criando complexos mecanismos de cotações de matérias-primas.

Nossos contratos de CDBs têm demonstrado, recentemente, como esses instrumentos financeiros são úteis para o governo como indicadores de situações otimistas no futuro. As taxas dos CDBs na Bolsa Mercantil, na verdade, ao se situarem abaixo das taxas do mercado à vista, revelam uma expectativa de limite na alta dos juros. É preciso, porém, que não se considere esse termômetro apenas quando ele indicar que a febre pode baixar. Quando sinaliza alta, a Bolsa apenas registra uma tendência, e dá indicações para medidas práticas que evitem o agravamento dos problemas. O que importa é a adoção de medidas capazes de evitar as causas e os riscos antes que eles afetem os mercados.

Esperamos que este Seminário seja útil para demonstrar como a experiência estrangeira encontrou alternativas e soluções para o crescimento dos mercados futuros e para o aperfeiçoamento da economia internacional.



Azevedo (E) e O'Brien: comprovando finalidade dos mercados futuros e papel dos especuladores e "hedgers"